

AMAF liga a sirene de alerta: urbanização do Monte Cardoso Fontes?

Prefeito Paes abre a possibilidade de urbanização do Monte Cardoso Fontes. Contudo, a Associação dos Moradores da Freguesia (AMAF) alerta que a área faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra dos Pretos Forros e está dentro do Parque Nacional da Tijuca. Todo cuidado é pouco!

Páginas 5



Foto: Site da AMAF

Tenda com barracas e "clareira", possível desmatamento, em área apelidada como "Monte Cardoso Fontes" (Parque Nacional da Tijuca/ Área de Proteção Ambiental da Serra dos Pretos Forros)

Descobrimo talento: Célia Brito Costa

Ela é a produtora cultural do grupo D'Forró e do Trio Pernambucano que tocam músicas e hits nordestinos – o forró raiz. Página 7

Em debate

**G20 no Rio:
a quem interessa?
Fala comigo, BB
Racismo Ambiental**

Páginas 3, 4 e 7

História da Região

**Sistema de bondes em
Jacarepaguá** Página 8

Condomínios despejam esgoto nas lagoas: nada mudou! Lagoas da Tijuca, de Jacarepaguá, de Marapendi e do Camorim continuam poluídas

A luta continua pela revitalização das lagoas, impulsionando a melhoria do ecossistema local e a qualidade de vida da população.

Página 3



Foto: Jornal do Recreio

Poluição na lagoa de Jacarepaguá

As drogas nem sempre foram proibidas

Na verdade, a proibição das drogas no Brasil começou em 1921, há quase 103 anos. Página 6



Fonte: Portal História da Farmácia (2015)

**Férias, viagens e seu bichinho de estimação onde deixar?
Cuidado: abandono de animais é crime!** Páginas 2



Cozinha da Tia Néli

Bolinho de Arroz Macio

Ingredientes

- 2 1/2 xícaras de arroz cozido (sobras)
- 1/2 cebola bem picada
- 1 cubo de caldo de galinha ou picanha
- 2 batatas inglesas médias
- 1 ovo
- cheiro verde a gosto
- 1/2 gomo de calabresa picanhinha em cubos (opcional)
- 2 colheres (sopa) de farinha de trigo
- 150 ml de leite, se necessário
- 3 colheres de sopa de queijo ralado
- sal a gosto
- óleo para fritar

Modo de preparo

Em uma panela cozinhe a batata em cubos com o caldo de galinha ou picanha, deixe cozinhar até ficar macia. Reserve. Em



uma tigela adicione o arroz o ovo a cebola, amasse a batata e adicione na tigela mexa bem, adicione o trigo e o leite se a massa ficar muito seca e por fim adicione o queijo ralado e a cebolinha. Aqueça o óleo faça bolinhas e frite. Sirva em seguida e bom apetite!

Beijocas da Tia Néli



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Escreva o português correto na sua redação!

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição, abordarei um tópico da gramática que, além de cair em provas de concursos, é fundamental para a escrita correta. Trata-se da colocação pronominal cujas regras precisam ser seguidas, de modo a não ocorrer nenhuma perda de pontos na avaliação referente à norma-padrão. Abaixo, farei um breve resumo com exemplos.

***PRÓCLISE:** posição do pronome oblíquo átono antes do verbo. Não se esqueça de mim.

***MESÓCLISE:** posição do pronome oblíquo átono no meio do verbo. Realizar-se-á um grande evento.

***ÊNCLISE:** posição do pronome oblíquo átono depois do verbo. Lembrei-me de todos os amigos.

Dominar as regras de próclise, fará com que vocês trilhem uma boa parte do caminho no aprendizado desse conteúdo.

Querem aprender português com leveza e eficácia? Venham para o meu time e estudem com comigo para serem aprovados nos concursos e nos vestibulares! Acessem as minhas redes sociais: @professora_julianabernardo (Instagram), Profa. Juliana Bernardo Português (Facebook) e Professora Ju (@professora.ju6 / Tik Tok). Abraços e até a próxima edição!



EM DEFESA DOS ANIMAIS Vaneide Carmo

Férias, viagens e seu bichinho de estimação onde deixá-lo?

Antes de entrar de férias, faça uma programação que inclua seu amigo de estimação. Pode deixar em hospedagens. Elas existem em muitos bairros da cidade, com vários preços.

É justamente nessa época que muitos animais são abandonados.

Em Jacarepaguá, principalmente nos bairros e ruas com pouca circulação, as pessoas estão aproveitando para descartar animais em plena luz do dia. Os bairros



mais afastados também são usados para abandono de animais. O preferido dos incautos é Pau da Fome.

Neste período de verão os cuidados têm que aumentar. Passeio fora de hora causa queimaduras nas patinhas, insolação, desidratação. Os melhores horários são de manhã, até as 10h30, e à tarde, após as 16h. Não se esqueça de levar uma garrafa com água. Vacinar é prevenção contra doenças que aparecem nesta época. Pulga e carrapato são as maiores incidências no verão. Leve seu Pet ao veterinário, ele dará todas as informações.

Não compre animais, adote.

Abandonar e maltratar são crimes.

ABANDONO TAMBÉM É UMA FORMA DE VIOLÊNCIA

Todo animal merece cuidados, respeito e carinho. Não o abandone.



Pré-vestibular para Negros e Carentes na Sagrada Família

Inscrições abertas para o Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) da Rio Grande para o ano letivo de 2024! Faça sua inscrição através do link disponibilizado no perfil do pvnc (@pvncriogrande).

Qualquer dúvida fale com a Ivanise (ivanisisouto@gmail.com)

Paróquia Sagrada Família – Estrada do Rio Grande, nº 3.840 – Taquara

Venha conquistar a tão sonhada faculdade!

INSCRIÇÕES PVNC 2024

PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

SE LIGA:

As inscrições serão feitas pelo formulário on-line que será divulgado na página do Instagram do pré, a partir do dia 02 de janeiro.

@pvncriogrande

Inscrições: 02 a 21/01

Aula inaugural: 22/01

Início: 23/01

Fale conosco: (21) 23420771

Estrada do Rio Grande, 3840 - Taquara (Paróquia Sagrada Família)

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64. Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br - www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores. Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial:

Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Aguiar, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Loureiro.

Coordenação Geral:

Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Arte e Diagramação:

Almir Paulo e Val Costa. Jane Fonseca. Silvia da Costa

Gestora de Redes Sociais:

Silvia da Costa

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

JORNAL ABAIXO ASSINADO

Conheça o Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá e das Vargens, que está on. Mais colorido. Mais fotos. Na luta pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo.



@jaajrj

Curta, comente e compartilhe

Peça gratuitamente um exemplar do JAAJ ao seu jornalista

- Naldo da Banca
Estrada do Tindiba, em frente ao nº 2.331-Taquara



Jornaleiro Naldo

O Complexo Lagunar de Jacarepaguá continua poluído

Da irresponsabilidade de condomínios de luxo, shoppings centers e governos ao racismo ambiental

***Por Marcus Aguiar**

Temos a absoluta certeza que diversos condomínios e estabelecimentos comerciais continuam realizando descarte irregular de esgoto, nas lagoas da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá. Essa é mais uma das diversas constatações de grandes empreendimentos imobiliários e comerciais negligenciando na prática o que eles mais gostam de propagandear em anúncios na internet, em outdoors, TV, rádio e jornal: a proteção ambiental.

A proteção ambiental é um assunto fundamental para a manutenção da vida no planeta Terra. No entanto, no modo de produção capitalista, o discurso ambientalista “sustentável” torna-se lucrativo, e é recorrentemente uti-



Esgoto clandestino despejado no manguezal e na lagoa

lizado pelo mercado rentável da especulação imobiliária como pretexto para remoções de comunidades pobres assentadas há décadas em áreas que hoje apresentam forte elitização, que acabam por contrastar estética e socialmente com, no caso, o entorno rico e ostensivo dos condomínios e shoppings centers das áreas de expansão da Barra da Tijuca.

Uma das comunidades que sofreram com a pressão da Prefeitura - comandada pelo Prefeito Eduardo Paes -, associada aos interesses do mercado imobiliário, foi a Vila Autódromo, cujos moradores foram humilhados, agredidos e boa parte removida de suas casas por, dentre outras justificativas, proteção ambiental.

Seguem, então, três questões que parecem ser importantes na hora de se pensar em quem votar nas eleições que ocorrem em outubro de 2024:

1. Quantas comunidades mais da Baixada de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca terão que sofrer consequências semelhantes às da Vila Autódromo em nome da especulação imobiliária, alimentadora de um racismo ambiental fantasiado de ações pela pro-



Bacia lagunar de Jacarepaguá vai sendo paulativamente destruída pelo mercado imobiliário

teção ambiental?

2. A atuação do governo baterá de frente com os abusos do mercado imobiliário? O governo fará um verdadeiro esforço em construir um projeto em conjunto com o governo do estado que tenha como objetivo universalizar o acesso ao saneamento básico na cidade?

3. O seu plano de governo/atuação possui um projeto que visa à recuperação ambiental dos Complexos Lagunares de Jacarepaguá e Barra?

É preciso que todos fiquem atentos.

***Professor de Geografia**

As fortes chuvas que atingiram a região metropolitana do Rio de Janeiro, nos dias 13 e 14 de janeiro de 2024, e deixaram 12 pessoas mortas, segundo informações do governo do estado, trouxeram novamente para o debate político o tema do racismo ambiental.

O que é racismo ambiental?

Por Jonas Di Andrade*

O racismo ambiental é termo utilizado para tratar da desigualdade socioambiental que atinge, sobretudo, as comunidades marginalizadas, onde estão presentes pessoas negras, indígenas e empobrecidas. Essas comunidades sofrem os impactos negativos da degradação ambiental e da falta de acesso a recursos naturais e serviços ambientais, enquanto as populações mais privilegiadas usufruem de uma maior proteção ambiental e melhores condições de vida.

Não é coincidência que as populações negras, por exemplo, seja uma das populações afetadas pelos danos ambientais. Devido ao passado colonial, com estruturas sociais baseadas na escravização de pessoas negras, estas passaram a ser inviabilizadas. A lei áurea de 1888 não trouxe consigo a reparação dos danos causados



Foto: Roverena Rosa - Agência Brasil

pela escravidão ou integração dos libertos. As consequências disso vemos até os dias de hoje.

O racismo ambiental se manifesta de várias maneiras,

como por exemplo, na localização de lixões e aterros sanitários perto de comunidades de baixa renda e majoritariamente compostas por pessoas negras e indígenas, na poluição do ar em bairros mais pobres, na falta de acesso à água potável e saneamento básico em comunidades rurais e periféricas, entre outros casos.

A ausência de políticas públicas que impeçam essa forma de discriminação contribui pra manutenção desse cenário de exclusão. Ao andar por diversas favelas, eu vejo na prática como o racismo ambiental se dá. Se levarmos em consideração que não há investimento em políticas de igualdade no Rio de Janeiro, o resultado das consequências das mudanças climáticas não poderia ser

diferente.

***Comunicador, editor, professor, filho do rei de Oyó**



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

G20 no Rio! A quem interessa?

Em novembro de 2024 teremos no Rio de Janeiro mais um encontro ecológico reunindo as principais representações mundiais. O evento contará com a presença de chefes de Estado das 20 maiores economias do mundo mais representativas de dez nações convidadas.

O Brasil por intermédio do presidente Lula assumiu a presidência G20 de forma simbólica, pela primeira vez, nesse último dia 10 de dezembro de 2023. O Rio já foi sede do encontro ecológico por duas vezes: Eco-92, em 1992, no Aterro do Flamengo e Rio+20, em 2012, no Rio Centro, em Jacarepaguá. Documentos importantes são assinado nesses encontros como foi a Agenda 21 na ECO-92, assinada por representantes de 179 países, a qual envolve: desenvolvimento sustentável, proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Na verdade, é tudo que não vimos acontecer, pelo contrário, as questões citadas só pioraram.

Na Rio+20 foi discutido o compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 12%, economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza. Também todos esses compromissos firmados não tiveram melhoras em nenhum setor.

Estamos acompanhando o aumento do desmatamento em nossa região à medida



Foto: Alexandre Macieira



Foto: Marcos de Paula

que surge um condomínio novo com a convivência dos nossos políticos. Segundo o G1, quando o assunto é esgoto, apenas 46% dos cariocas recebem algum tipo de tratamento, os agrotóxicos nas plantações continuam, o que, com as chuvas, contribui para a poluição de rios e lagoas, além dos milhares de litros por minuto dos dejetos dos esgotos não tratados, da pobreza, que tem aumentado, elevando o número de famílias morando nas ruas.

Sabemos que países como Estados Unidos e China lideram o ranking dos maiores poluidores do mundo há vários anos e, como eles não concordam em restringir a emissão de poluentes para manterem suas economias, muito dificilmente outros países concordarão, de forma que o G20 no Rio será mais um motivo para autoridades estarem passeando com dinheiro público. E o Rio parece ser um bom local para reunir tantas lideranças em um evento "que tem um caráter de grande importância mundial", mas que no fim acabará em pizza.



Foto: Luiz Claudio Silva

V. Autódromo em protesto na Rio + 20

Será um ótimo momento para protestos cobrando acordos firmados em encontros mundiais anteriores que não foram cumpridos.

Creio que movimentos sociais do Brasil e

da América Latina devem aproveitar a oportunidade para organizar manifestações com uma pauta de defesa ambiental e contra a miséria e a fome.



FAM-Rio critica aprovação do Plano Diretor

aprovada na sexta, é publicada na sexta no Diário Oficial e, portanto, quando ela é publicada no Diário Oficial é que se deu publicidade pública. E aí, você vai votar na segunda como? Quatrocentas emendas, 80 subemendas no fim de se-

mana para a gente incorporar? Representando quem? A população que não é! Eles estão falando de nós sem nós. Sem nos ouvir e sem nos respeitar", disse Regina Chiaradia, vice-presidente da FAM-Rio.

Fórum das Vargens continua firme na luta

Tem razão a vereadora Monica Benício quando diz:

"A reestruturação urbana que Eduardo Paes (PSD) vem tentando promover na região das Vargens desde 2009 é sinônimo da construção de mais uma área de sacrifício na nossa cidade e novos espaços de exclusão. Diversos estudos sobre essa região demonstram que a condição ambiental desta área não permite o adensamento e muito menos a especulação imobiliária."

Uma ação para as comunidades quilombolas da cidade e da Baixada de Jacarepaguá



Uma parceria entre o mandato do vereador Edson Santos e a Coordenadoria Executiva da Igualdade Racial da Prefeitura do Rio de Janeiro lança iniciativa pela criação de uma Plataforma que integrará em rede, equipamentos e\ou coletivos culturais, quilombos e\ou outros territórios de povos tradicionais, instituições religiosas e\ou espaços sagrados, estabelecimentos comerciais, turísticos tendo como referência as culturas de matrizes africanas no município do Rio de Janeiro visando fomentar, otimizar, apoiar e divulgar as suas atividades e conhecimentos.

Pelo direito à cultura e a igualdade racial! A luta continua.



Almir Paulo

“Um dia, ao olhar para trás o homem verá o rastro de destruição que ele deixou na natureza.

É nesse dia haverá apenas a dor da sua própria consciência”
(Vera Lúcia D. Oliveira)



Reunião com o prefeito



Foto: Site da AMAF

**Área desmatada e possivelmente aterrada.
É preciso preservar o Monte Cardoso Fontes e toda Serra dos Pretos Forros.**

No dia 17 de dezembro de 2023, representantes da Associação de Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF) acompanharam uma reunião que contou com a presença do prefeito Eduardo Paes, de lideranças religiosas e de diversas autoridades da Prefeitura do Rio de Janeiro, realizada no “Monte Cardoso Fontes”, na estrada Grajaú-Jacarepaguá, próximo ao Hospital Cardoso Fontes.

O objetivo da reunião logo ficou evidente, após alguns discursos, pois tratava-se de uma antiga reivindicação de regularização do “Monte

Cardoso Fontes”, pleiteada por religiosos que realizam cultos e orações no lugar. No evento, o prefeito frisou que é possível a urbanização do local.

Essa área, apelidada de “Monte Cardoso Fontes”, pelos religiosos, faz parte da **Área de Proteção Ambiental da Serra dos Pretos Forros**, que fica dentro do Parque Nacional da Tijuca, é de enorme importância ambiental em âmbito municipal e federal, e hoje se encontra cortada por inúmeras trilhas e clareiras na mata abertos sem supervisão e controle.

Segundo a direção da AMAF, “é im-

portante ressaltar que é necessário que as diversas expressões religiosas tenham seu espaço de culto e conexão, porém devem manter a preservação das qualidades naturais do entorno, principalmente no que diz respeito a essas regiões de mata do Parque Nacional da Tijuca, tão essenciais para o equilíbrio do nosso microclima urbano”.

A AMAF continuará acompanhando os desdobramentos e cobrando sempre da Prefeitura do Rio amplo debate e transparência em relação a essa iniciativa.

Douglas Aguiar
Estudante de jornalismo

Moradores da Zona Oeste sofrem com a falta d'água em pleno verão

Em entrevista ao Portal R7, o pesquisador Paulo Barrocas, do Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental da ENSP, destacou que a falta de água pode contribuir significativamente para o aumento dos números de doenças. De acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a falta de acesso à água de qualidade e o saneamento precário podem ser os responsáveis por 94% dos casos de diarreia no mundo. A cada dia, 5 mil crianças, em média, morrem em virtude de doenças facilmente evitáveis, relacionadas com o saneamento precário e o consumo de água sem qualidade.

Nos últimos tempos, moradores de diversos bairros do Rio de Janeiro têm enfrentado muitos problemas com as condições da água que chega até a torneira. Como a água com aspecto turvo e barren-

to, o que fez com que muitos tivessem que comprar galões durante algum tempo. E nos últimos dias, em meio à onda de calor intenso que afeta o estado do Rio de Janeiro, com sensação térmica acima dos 59º C, moradores de diversos bairros da cidade enfrentaram ainda quedas de energia elétrica e interrupções no abastecimento de água.

Moradores de bairros como Taquara, Praça Seca, Freguesia, Pechincha, Cidade de Deus e Vila Valqueire reclamam de constantes problemas no abastecimento de água. Eles se queixam de estarem com as “torneiras secas” mesmo após a conclusão de uma manutenção realizada no sistema Guandu pela Cedae no último mês.

Além da manutenção no Guandu, o abastecimento da população de Jacarepaguá foi afetado por causa de uma obra realizada pela Iguá numa adutora na Praça Seca. De acordo com a empresa, houve imprevistos durante a instalação de medidores da vazão na tubulação, o que provocou



Sistema de tratamento de Água do Guandu

atrasos na conclusão do serviço. A Iguá é responsável pela operação nos seguintes bairros: Anil, Barra da Tijuca, Camorim, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Gardê-

nia Azul, Grumari, Itanhangá, Jacarepaguá, Joá, Pechincha, Recreio dos Bandeirantes, Tanque, Taquara, Vargem Grande, Vargem Pequena e Praça Seca.



Maria de Lourdes Silva
Professora
da Faculdade de
Educação da UERJ

As drogas nem sempre foram proibidas

As drogas nem sempre foram proibidas. Na verdade, a proibição das drogas no Brasil começou em 1921, há quase 103 anos. Isso se levamos em conta apenas o Brasil republicano, desconsiderando um decreto do Código de Posturas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, emitido em 1830, que proibiu o “pito de pango” (um dos nomes dado à maconha à época), usado pelos escravizados após seus longos dias de trabalho. A maconha e o tabaco eram consumidos no Brasil no período colonial sem maiores distinções. Gilberto Freyre afirmou que os senhores de engenho tinham o hábito de fumar tabaco, incluído entre os hábitos aristocráticos de então, enquanto a maconha era cultivada e consumida pelos escravizados. Proibir o consumo do pito de pango foi uma forma de atingir as práticas cotidianas dessas populações, cerceando ainda mais suas condutas nas escassas horas de descanso. A maconha também era conhecida como fumo de Angola ou fumo de negro, mostrando bem uma representação social construída para relacionar essa planta com as populações afrodescendentes, embora ela não fosse usada exclusivamente pelos negros e sua chegada ao Brasil muito se deva aos vários usos que dela faziam os portugueses.

No início do século XX, durante os debates que criminalizaram a maconha, os comportamentos dos ex-escravizados eram estudados e sobre eles se construíram teorias supostamente “científicas”, mas, de fato, racistas e segregadoras, que deram suporte à proibição. Naquela época, ela foi considerada pelos estudiosos como uma planta que conduzia à loucura, à perda da capacidade produtiva, à demência, à morte. As populações entrevistadas na ocasião (população

pobre, moradora de áreas ribeirinhas ou do interior) declaravam o quanto a planta era parte de uma rotina que cuidava de melhorar, inclusive, as condições e disposições para o trabalho. Entretanto, os pesquisadores da época, em sua maioria médicos, enfatizaram apenas o que consideravam como os males

nacional. A comissão realizou estudos para definir o perfil dos usuários de drogas, em especial, de maconha, para articular enfrentamentos mais eficazes. Na ocasião, a maconha era entendida como “ópio dos pobres” e se temia que ela se difundisse entre os outros segmentos sociais. Repressão, internação e

destas substâncias pelas farmácias e nem a prescrição médica. Elas continuaram a ser vendidas, mas somente quem possuía uma receita médica poderia comprar. Portanto, não se tratava exatamente de uma proibição, mas do estabelecimento do monopólio médico sobre a gestão destas substâncias.

Seguindo os protocolos dos acordos internacionais, o Brasil procurou restringir o consumo destas substâncias sem afetar a prática médica. É fato que a medicina fazia largo uso delas em sua prática diária. Os entorpecentes faziam parte da rotina da medicina, cuidando de oferecer alívio para diversas enfermidades, além de serem utilizados nas cirurgias como anestesia – uma prática que perdura até hoje. A cocaína era prescrita como anestésico local e era usada para restabelecer fadiga, cansaço, desalento, desânimo, conforme mostra a imagem que ilustra esta matéria. A maconha também possuía diversos usos terapêuticos sendo indicada para falta de apetite, distúrbios do sono, apatias em geral, tristezas infundadas, entre outras. Com o tempo, a experiência mostrou a complexidade da administração destas drogas na clínica e os esforços para regular sua aplicação caminhou lado a lado com a adoção das políticas proibicionistas. Chegou um tempo em que quase ninguém sabia que a medicina tinha tal domínio. O que todo mundo sabia era que a polícia e a justiça puniam quem se envolvia com tais drogas.

Hoje, um século depois da proibição das drogas, a sociedade volta a discutir sobre os usos medicinais destas substâncias e sobre a ineficácia da proibição que resultou em discriminações, violências, prisões, mortes. Essa discussão foi violentamente proibida por um longo tempo, mas já não pode mais ser calada. É hora de falar sobre as drogas e sobre o papel que elas desempenharam e desempenham na história humana. E essa história está muito além do tiro, porrada e bomba.



Propaganda de pastilha à base de cocaína vendida nas farmácias brasileiras até 1921

que a planta causava às pessoas, cuidando de destacá-los como os mais importantes efeitos do “vício” em maconha.

O interessante é que a maconha, não foi proibida na primeira lei de drogas do país, de 1921. Essa planta só foi criminalizada em 1932, como resultado dos empenhos das autoridades e especialistas em um contexto de bastante agitação social, decorrente da Revolução de 1930, e como mais um instrumento de controle da população, especialmente a pobre, preta e mestiça. Nas décadas seguintes, a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes-CNFE, criada em 1936, cuidou de criar as estratégias para combater a maconha e outras drogas no território

prisão estavam entre as estratégias da CNFE.

Outras drogas também estavam presentes na sociedade brasileira e foram alvo das leis e da repressão policial. A primeira lei de drogas criminalizou a cocaína, o ópio e a morfina e seus derivados. Essas drogas eram vendidas em farmácias e drogarias e eram consumidas pelas classes mais altas da sociedade. Diferente da maconha, plantada no Brasil desde o período colonial, essas outras drogas chegavam aqui na forma de remédios preparados pelas drogarias ou pela indústria farmacêutica e eram prescritos pelos médicos aos seus pacientes para tratar diversas doenças. Em função disso, a primeira lei de drogas não proibiu completamente a venda



O Novo Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária
Instagram: @claudia_scott1

Outro dia fiz uma selfie diferente.

"A pele das mãos pode revelar a sua idade." Ao invés de não mostrar as mãos, mostrei.

"Ao sorrir se mostram as rugas e os pés de galinha." Ao invés de posar séria, sorri.

"Foto em preto e branco mostra imperfeições." As olheiras, que teimam em não

sumir mesmo com o corretivo, apareceram “lindas”.

"Fazer uma escova dá um 'up' no visual." Então lavei os cabelos e saí! Cabelos ao vento e... fui.

Normalmente escolhemos mostrar só o que interessa: o melhor ângulo, o melhor filtro e, dessa vez fiz tudo ao contrário.

Mostrei a idade nas mãos e nos pés de galinha, coloquei uma foto em preto e branco, sem escova, e tratei de colorir a foto com um sorriso. Pronto!

Quantas vezes fazemos mais do mesmo? E se fizéssemos diferente? Teríamos

um resultado, não necessariamente melhor, mas certamente NOVO. O problema é que temos tanto medo do NOVO, né?

Até mesmo escolhas simples como, fazer um caminho diferente pra casa ou almoçar num restaurante diferente do habitual, por vezes podem parecer complexas decisões matemáticas.

Por outro lado, tenho amigas e amigos que mudaram: para um NOVO país ou uma carreira completamente NOVA. Não necessariamente esse é o seu caso, mas a co-

ragem que eles tiveram para permitir que o NOVO entrasse em suas vidas é fonte de

"Quando o NOVO bater à sua porta, simplesmente... deixe entrar!"

questionamentos e inspiração pra mim todos os dias. E os admiro por isso.

Querem saber de uma coisa? Vou tentar fazer pequenas escolhas de um jeito diferente: e assim experimentar as infinitas possibilidades que esse Universo tão grande coloca à nossa frente todos os dias.

Como me ensinou uma amiga que mora do outro lado do mundo: "baby steps". Tome coragem e dê pequenos passos. Com passinhos de bebê podemos chegar onde jamais poderíamos imaginar.

É isso que eu desejo pra mim hoje e, se me permitirem, desejo a vocês também: dêem "baby steps" e tentem outras pequenas escolhas. Quando o NOVO bater à sua porta, simplesmente... deixe entrar.



Célia Brito Costa: produtora cultural de Jacarepaguá

Cíntia Travassos
Produtora

Célia Brito Costa Laranjeira é casada, natural de São Paulo, tem 61 anos de idade, moradora da Merck, aposentada – funcionária pública federal/INSS – e produtora cultural. O seu interesse pelas artes vem desde o ensino médio (antigo 2º Grau), em que fez parte de um coral e grupos ligados à dança e à música.

Ela atualmente é produtora do grupo D'Forró e do Trio Pernambucano, que tocam músicas e hits nordestinos e se apresentam em casas de shows, restaurantes, igrejas, empresas e festas particulares.

No período da pandemia, teve que se adaptar à nova e à terrível situação e aproveitou para investir em cursos on-line de produção cultural, de inglês, de canto. E realizou três lives para arrecadar valores para os músicos, que ficaram sem poder trabalhar naquele



Produtora Célia Costa esbanjando alegria e elegância ao toque atabaque



Produtora Célia Costa esbanjando alegria junto aos idosos da Rede Cruzada em confraternização de fim de ano

período. Enfim, Célia tem profunda sensibilidade e compromisso social.

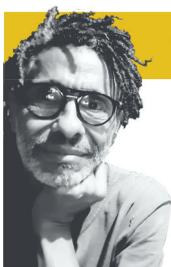
Célia Brito Costa Laranjeira diz que tem vários sonhos e, um deles, é que a música regional seja valorizada por todas as classes sociais e por todas as idades. E quem quiser se divertir dançando aquele forró gostoso ao som do grupo D'Forró, confira os dias de apresentação nesse mês de janeiro de 2024 e anote em sua agenda de shows:

Restaurante Gigante Nordestino:

- 20/1 – Nova Iguaçu: de 20 às 24h.
- 21/1 – Bangu Shopping: de 13 às 17h.
- 27/1 – Shopping Boulevard: de 19 às 23h.



Registro da live realizada em julho de 2021 com o Trio Pernambucano para a empresa EDF

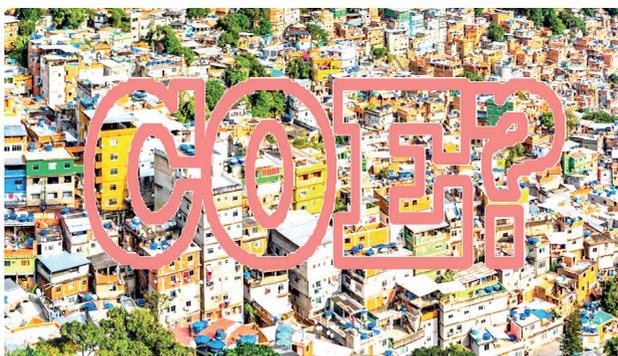


Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

Fala Comigo, BB!

O jeito descontraído do carioca falar é notório. Há quem diz ser maneiro, há quem fique bolado com tantas alterações entre signifiante e significado. Como linguagem, as gírias são construídas e consolidadas socialmente, fortalecendo a(s) identidade(s) cultural(ais) do grupo onde é(são) praticada(s). Tem gíria que dura tempos e outra nem tanto, pode permanecer localizada ou bombar para além de onde surgiu. Pega a visão que isso é papo reto!

Geral fala gíria, apesar dos preconceitos; confesso que na primeira vez que eu ouvi é nós!, pensei: “Caraca! Onde chegaremos...”. Ainda ouço: “é nós!”, e penso... o sujeito, o pronome “nós”, que a norma culta exige em “nós somos”, tornou-se outro pelo verbo “ser” no presente do indicativo, como si mesmo e também com “ele(a)”, ambos convertidos ao “nós”, uma presença coletivizada. Uma divertida subversão à norma culta, em que a pessoa verbal a um só tempo singular e plural mais lhe acrescenta sentidos que lhe corrompe. Aí, na moral, a língua é viva!



COÉ: o mesmo que qual é, qual foi; expressão de indignação em situações de conflito.

Preconceito já era!... Assim diziam os hippies do movimento power flowers, nos idos de 1970. Negavam o sistema capitalista e a sociedade de consumo, defendiam a vida comunitária baseada em igualdade, paz e amor entre as pessoas; se opunham às guerras e à violência contra as pessoas e demais entes da natureza. “Falou e disse, bicho!” – expressão de concordância e consentimento de ideias ao serem “faladas” e ditas com sabedoria e consciência.

Na atual expressão “já é!” temos a confirmação ou a aceitação de algo, uma forma ágil de amarrar acordos recíprocos, no corre do dia a dia. Por outro lado, também parece responder ao modelo neoliberal de nosso tempo, que aprofunda as desigualdades socioeconômicas e a precarização do trabalho



Um rio perene de conhecimento

LITERATURA DE CORDEL

Severino Honorato
Poeta, oficinheiro e editor

Toda arte tem seu quê de saber e gigantismo cordel se fez professor agindo com brilhantismo os seus escritores são egressos do romantismo.

Não que venham da escola mas dum fazer romanesco dos tempos medievais não atrelado ao dantesco pois a vida sendo dura poemas eram o refresco.

Esse rio há de permanecer perene enquanto vidas poéticas fizerem seu trânsito sobre a face da terra; e se faz adequado que desfrutemos de uma vida em folhetins capitulares, impressores de doses salutares de saberes e graça.

Desde agosto de 2023, quando iniciamos leituras e estudos exclusivos da Literatura de Cordel, nas dependências da Biblioteca Parque Estadual – BPE, Centro do Rio de Janeiro, que me convenço sempre mais da condição precursora desta modalidade.

Estes aspectos são evidenciados pelas vozes de algumas das participantes do grupo. “Participar do Clube de Leitura da Literatura de Cordel me permitiu caminhar, aprender e pensar a partir das particularidades...”, Michele, psicóloga. Outra observação: “... verdadeiro encanto, uma tradição que é passada de geração em geração.”, Carla Cátia, graduada em psicologia. Mais uma opinião: “Entendi que a jornada artística não precisa ser irremediavelmente sozinha...”, Maiara, graduanda em filosofia e poeta. “Entre tantas coisas ditas e ensinadas, aprendi como deve ser feita a leitura do cordel; ...”, Ana Leocádio.

Em resumo, estes são fragmentos das participações de pessoas atentas com a cultura brasileira.

e da educação, privilegia o crescimento do mercado de capital, das empresas estrangeiras em prejuízo da indústria brasileira, da privatização de empresas e serviços estatais, entre outros. Essa parada de economia neoliberal é papo sinistro, tá ligado? Mas aqui não tem caô. Se você curtiu o papo e quiser trocar ideia sobre outras gírias, brota aqui: <https://www.jaa-jrj.com.br/contato>.

GROSSÁRIO:

Bicho: amigo(a), camarada; avesso(à) às formalidades da sociedade de consumo. / **Bolado:** preocupado ou muito irritado. / **Bombar:** algo que chama a atenção, que faz sucesso. / **Brotar:** comparecer em algum lugar, chegar. / **Caô:** mentira; intenção de enganar alguém ou de alguém. / **Caraca:** demonstração de espanto. / **Corre:** ir a algum lugar executar um trabalho ou tarefa. / **Dar moral:** dar importância a algo ou alguém; também uma ajuda financeira. / **Geral:** o mesmo que todo mundo. / **Irado:** algo muito legal. / **Já é:** como confirmação, consentimento; pode contar contigo. / **Maneiro:** algo muito legal; aprovação sobre algo. / **Papo reto:** indicação que o assunto é sério, ir direto ao ponto. / **Parada:** referência a qualquer objeto ou situação. / **Pega a visão:** atenção, ficar atento; para pessoa explicar algo passa sua visão. / **Sinistro:** indica algo bom: Ele é sinistro; ou algo ruim: um acidente terrível. / **Tá ligado?:** confirmando se uma pessoa entendeu. / **Trocar uma ideia:** conversar, bater um papo.



Janeiro é o mês do padroeiro da cidade

Yakaré Upá Guá Val Costa - Textos e fotos
Pesquisador do IHBAJA e professor de História e Geografia

Em 1555, os franceses aportaram na Baía de Guanabara e fundaram o forte de Coligny na então Ilha de Serigipe. Comandados pelo almirante Nicolas Durand de Villegagnon, pretendiam garantir a exploração do pau-brasil e conseguir um território onde os calvinistas franceses pudessem exercer livremente o protestantismo. Essa colônia, chamada de França Antártica, existiu de 1555 a

1567. No intuito de combater os franceses, o Capitão-mor Estácio de Sá fundou, no dia 1º de março de 1565, entre o Morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A primeira expedição portuguesa para expulsar os franceses foi organizada por Mem de Sá, o terceiro Governador-Geral da América Portuguesa, em 1560. Apesar de ter destruído o forte de Coligny, essa incursão não obteve o sucesso esperado, pois os habitantes do local fugiram para o continente com a ajuda dos tamoios. A derrota definitiva só ocorreria sete anos depois, quando Estácio de Sá recebeu reforços do seu tio Mem de Sá. Em janeiro de 1567, no Outeiro da Glória, os franceses finalmente foram expulsos da colônia portuguesa e os tamoios tiveram suas aldeias destruídas e suas terras ocupadas e distribuídas entre os portugueses.

A tradição oral diz que São Sebastião foi visto nesta batalha segurando uma espada e lutando ao lado dos portugueses contra os calvinistas. Batalha esta, vale ressaltar, que ocorreu no dia dedicado ao personagem: 20 de janeiro. Entre 1578 e 1598, foi erguida uma ermida em homenagem ao santo no Morro Cara de Cão, atual bairro da Urca. Em 1922, foi construída uma igreja bem maior na Tijuca, onde atualmente é o Santuário Basílica de São Sebastião.

Sebastós, seu nome de origem, nasceu na cidade francesa de Narbona, no ano de 256. Sua família mudou-se para Milão e o jovem ingressou no exército romano, atingindo o posto de Capitão da Guarda Pretoriana, que era o grupamento de soldados responsável pela segurança do imperador Diocleciano (244-311). Em um período de intensa perseguição aos cristãos, Sebastião, que também era seguidor de Cristo, pregava o evangelho para os demais soldados e auxiliava os prisioneiros. O imperador, em um primeiro momento, tentou fazê-lo desistir de sua fé oferecendo-lhe presentes e, posteriormente, ameaçando-o. Como essas medidas não adiantaram, Diocleciano ordenou a sua execução. A maioria dos historiadores afirma que o imperador mandou que ele fosse pendurado em um poste de madeira para ser torturado com flechadas até a morte. Quando todos pensaram que ele estava morto, deixaram-no amarrado para ser devorado pelos animais selvagens. Entretanto, ele sobreviveu ao martírio, sendo resgatado por uma viúva chamada Irene, que cuidou dos seus ferimentos. Recuperado milagrosamente, Sebastião retorna na presença de Diocleciano e exige que o imperador pare com as perseguições aos cristãos. Dessa vez, o líder máximo romano exigiu que o açoitassem até morrer e depois mandou jogar o seu corpo na chamada cloaca máxima, o sistema de esgoto de Roma. Isso aconteceu no dia 20 de janeiro de 288.

São Sebastião é o padroeiro de várias



Imagem de São Sebastião localizada na entrada da cidade de Sengés - PR

cidades brasileiras. Ouricuri – PE, Venâncio Aires – RS, Sengés – PR e São Sebastião – SP são municípios que possuem o famoso mártir europeu como santo protetor.

A Arquidiocese do Rio celebra o mês do santo católico com a exposição “O Inventário da ArqRio através de sua coleção de São Sebastião”, que acontecerá durante todo o mês de janeiro, na Catedral Metropolitana. A primeira fase do projeto já catalogou os documentos dos vicariatos Oeste, Suburbano, de Santa Cruz e de Campo Grande. A fase atual, em implementação, englobará os vicariatos Norte, Sul, Urbano, da Leopoldina e de Jacarepaguá.



Santuário Basílica de São Sebastião



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Problemas sobre trilhos: o sistema de bondes em Jacarepaguá e os moradores descontentes

Problemas com transporte público em Jacarepaguá não são recentes. Qualquer pessoa que precise utilizar o transporte público precisa: 1. Acordar ou sair cedo; 2. Se acostumar com ônibus, trem ou metros cheios; 3. Pagar uma tarifa considerada cara por um serviço, muitas vezes, mal prestado; 4. Se acostumar com as constantes obras para “melhor” o trânsito. Mas essa situação não é atual. Em Jacarepaguá é um problema que persiste desde a inauguração do primeiro transporte público que ligou o bairro ao restante da cidade: o bonde.

A linha de bonde inaugurada em 1875 aproximou Jacarepaguá ao restante da cidade. Era o sistema de bonde com tração animal da Companhia Carril - Jacarepaguá Até então o transporte era feito através de carroça ou à pé. Em 1911, a Light comprou a companhia e passou a eletrificar o sistema até 1912. Na década de 1940, a linha chegava até a Fregue-

sia ou como diziam “Porta D’Água”. Mas esse transporte não veio acompanhado de uma infraestrutura básica para seu funcionamento. Ao contrário, engavetamentos, acidentes e obras constantes faziam parte da rotina do bairro. Em janeiro de 1940, uma obra da linha Light de bondes trazia transtornos para os moradores do bairro. O largo do Tanque havia se tornado um verdadeiro campo de guerra, fazendo o ir e vir dos moradores ser um verdadeiro tormento.

Um morador da região escreveu então ao Jornal do Brasil reclamando da situação da obra e dando um panorama da situação: quebra quebra, materiais de obra pelas ruas, sujeira e poeira, transtorno para pedestres e motoristas, e o coitado do largo totalmente modificado. Não parece uma situação atual pelo qual passa nosso bairro? Em outra data, o mesmo jornal aponta um engavetamento de bonde ocorrido no mesmo largo, com vários feridos.

Jacarepaguá era nessa época, um local cortado por sítios e fazendas, três grandes hospitais. Mas alguns redutos como Tanque, Pechincha, Freguesia e Praça Seca, apresentavam na década de 1940 um pequeno comércio e feições urbanas. De fato, a população cresceu muito até 1950. Em 1943 foi inaugurada a atual Menezes Cortês, ou Serra Grajaú-Jacarepaguá, para facilitar a locomoção entre a baixada de Jacarepaguá e o restante da cidade. Dentro de Jacarepaguá, também havia mudanças, os carros tornaram-se mais utilizados e táxis rodavam pelas ruas levando gente para dentro e fora do bairro.

Para o autor da carta ao Jornal do Brasil faltava interesse nas autoridades em melhorar o serviço público de transportes. Para ele, Jacarepaguá era um lugar de beleza selvagem, e que continuava selvagem na sua infraestrutura. Cobrava-se atitudes das autori-

dades, mais comprometimento do prefeito, sendo a tal carta um desabafo da população.

Os bondes foram desativados em 1964 e substituídos pelos ônibus. Os problemas persistem, muitos idênticos à 1940. Mas agora o bairro possui outra feição, um novo papel na cidade: o de integrar novos bairros considerados mais distantes ou mais nobres. O sistema de transportes encontra-se em modificação para se adequar à esse novo papel. Para o redator da carta de 1940, o sistema de transporte público refletia a situação de Jacarepaguá na época: um bairro cheio de belezas, mas deixado ao relento como uma rapariga de vestido de chita e pés no chão. Uma zona rural que ansiava pelas melhorias urbanas.

P.S: Carta do morador de Jacarepaguá ao Jornal do Brasil em 4 de janeiro de 1940.

Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/#>